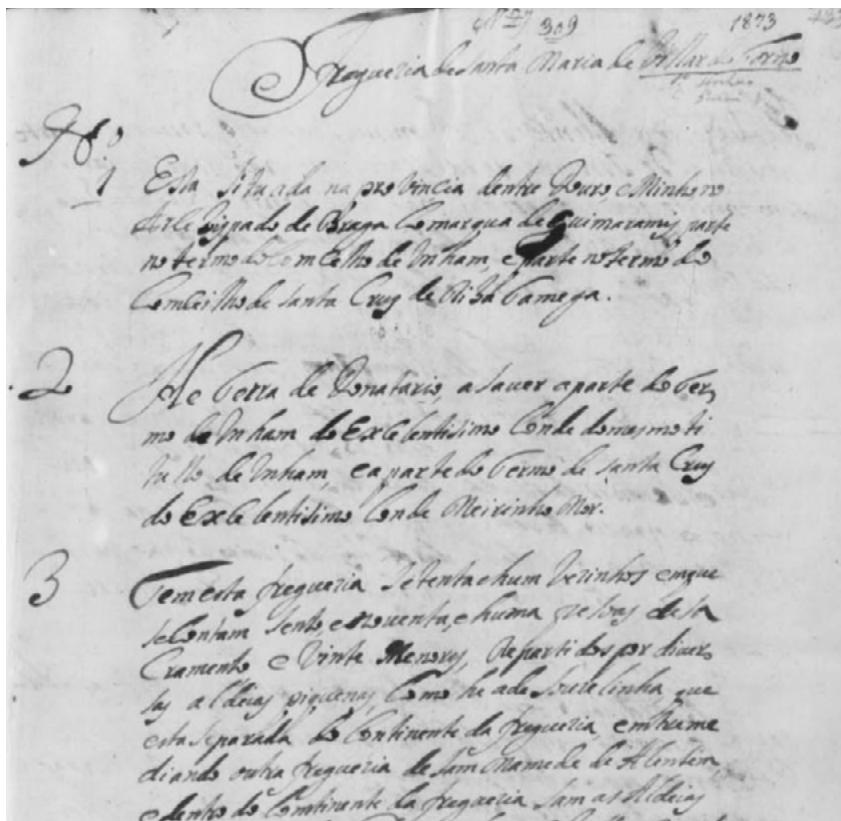


Santa Maria de Vilar do Torno em 1758: memória paroquial, toponímia e património



Com o texto agora divulgado, dá-se por concluído o projeto de estudo e divulgação das Memórias Paroquiais do concelho de Lousada.

A memória setecentista de Santa Maria de Vilar do Torno foi redigida em 20 de maio de 1758, pelo punho do abade Francisco José de Sousa Azevedo. Pelo olhar deste memorialista vemos serem tratados vários aspetos relativos a Vilar do Torno, entre eles o carácter geográfico, económico, demográfico e agrícola, sendo de destacar a atenção conferida ao património construído, designadamente à Torre de Vilar, a que dedica uma longa descrição.

Texto e Fotografia

Luís Sousa
Arqueólogo
luis.sousa@cm-lousada.pt

Cristiano Cardoso
Técnico Superior de História
cristiano.cardoso@cm-lousada.pt

1. - A PARÓQUIA E A SUA IGREJA

1.1. A paróquia

Na Idade Média a igreja de Vilar do Torno pertenceu ao padroado dos de Riba de Vizela, família prestigiada na corte de D. Afonso III e D. Dinis, tendo, então, ocupado alguns dos cargos mais importantes da cúria régia. Como sucedeu com muitas igrejas cuja linhagem da família patronal se extinguiu, o padroado da igreja de Vilar do Torno reverteu para a Mitra da Sé de Braga. Foi já nesse contexto que, em 1568, o arcebispo de Braga, Frei Bartolomeu dos Mártires, pretendendo beneficiar o Colégio de São Paulo, em Braga, pertencente aos jesuítas, determinou o desmembramento das receitas de diversas igrejas do seu padroado, entre as quais, Santa Maria de Vilar. Este acordo terá sido feito sendo pároco o abade João Cerqueira, contudo, com a morte deste, o novo beneficiado, o bacharel António Camelo, não aceitou este compromisso e andou em litígio com o arcebispo durante cerca de quatro anos. Por fim, em 1573, houve acordo entre as partes e, assim, o Colégio de São Paulo tomou posse de metade dos proventos da igreja de Vilar. Em 1758 o padre memorialista refere-se a esta situação, quando responde ao quesito oitavo, mostrando que o acordo se mantinha em vigor.

1.2. A Igreja

Esta igreja é uma construção moderna, dos finais do século XX, com projeto datado de 1991, da autoria do arquiteto António Lino, membro do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, grupo que reuniu vários artistas e que foi responsável por delinear uma atualização da arte sacra em Portugal, adequando-a a alguns dos princípios Modernistas.

A ideia base do projeto passou por manter a capela-mor, por esta revelar características arquitetónicas que interessava salvaguardar. O corpo da igreja, que havia sido reformado no século XVIII, foi totalmente demolido. O arco-cruzeiro e o seu alçado, excetuando-se a empena, também foram conservados, contudo ficaram envolvidos



Figura 1 Primitiva igreja de Sta. Maria de Vilar do Torno. Demolido nos finais do século XX.

na estrutura interior no novo espaço religioso.

A planta da nova igreja previu uma articulação entre o corpo da capela-mor preservada, o perfil da nova estrada camarária e a topografia da envolvente, optando-se pela criação de um espaço interior em forma de leque, convergindo para o altar-mor. Este projeto não foi totalmente executado, especialmente no que respeitava aos espaços exteriores, tendo sido construída somente a nave e a torre sineira.

Relativamente à capela-mor, que se preservou, apresenta volumetria quadrangular, destacando-se a cachorrada lisa e a cruz vazada da empena da cabeceira. Pelas suas características formais, evidencia tratar-se de construção de finais do século XIII, ou princípios do século XIV, constituindo mais um testemunho local de arquitetura românica tardia e de resistência. No interior perduram alguns elementos artísticos da antiga igreja como o retábulo-mor em talha neoclássica, dos finais do século XIX, dourado e exibindo marmoreados. Também se pode admirar um conjunto de belas imagens de santos, em especial a Nossa Senhora da Assunção e o São Miguel Arcanjo.

2. MEMÓRIA PAROQUIAL DE SANTA MARIA DE VILAR DO TORNO: TRANSCRIÇÃO

Freguezia de Santa Maria de Villar do Torno. 1. Está situada na Provincia d'Entre Douro e Minho, no Arcebispado de Braga, comarca de Guimarães, parte do termo do concelho de Unham e parte no termo do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega. 2. Hé terra de donatario, a saver, parte do termo de Unham do Excelentissimo Conde do mesmo titullo de Unham e a parte do termo de Santa Cruz, do Excelentissimo Comde Meirinho-Mor. 3. Tem esta freguezia setenta e hum vezinhos em que se contam cento e

Figura 2
Atual igreja de Sta.
Maria de Vilar do Torno.



noventa e huma pessoas de sacramento e vinte menores, repartidos por diversas aldeias piquenas, como hé a de Souzelinha, que está separada do continente da freguezia, enthermediando outra freguezia de Sam Mamede de Alentém. E dentro do continente da freguezia são as aldeias chamadas dos Cazais, Simo de Villa, Barral, Mercê, Deveza, Villar, Forno, Eido Fonte, Portella, Boucinhas, Torre, Preza, Torno e Castinheira, sendo algumas destas aldeias simples cazais de hum ou dous moradores. 4. Está situada em hum piqueno valle e pouco fundo que discorre do Nordeste a Sudueste, na serra da Comieira caindo mais à parte do Poente, della se nam descobre povoação alguma de fora. 5. Porque fica dito se colhe. 6. A parochial e cazas de rezidencia do parcho junto a ella está no meio da freguezia. 7. O seu orago hé da Asumpsam e se celebra no seu dia. Tem coatro altares. O altar mor da Senhora da Asumpsam, outro do Nome de Jezus e Senhora da Ajuda, outro da Senhora do Rozario, e outro de Sam Miguel Arcanjo, ao coal fica anexa a irmandade das Almas, debaixo do patrocínio do mesmo Sam Miguel. Nam tem naves. 8. O parcho tem o titullo de abbade, apresentaçam do Ordinario. Terá de rendimento por tudo o que lhe diz respeito entre passal, dizimos e mais verezes, duzentos e vinte mil reis, pouco mais ou menos, segundo o preço dos frutos. Porém dos dizimos se applicou antiguamente metade para o Colégio dos padres jesuítas da cidade de Braga, cuja parte só paça em sessenta mil reis, pouco mais ou menos. E por isso só ficam para o abbade, cento e sincoenta mil reis, hum anno por outro. 9. Nada. 10. Nada. 11. Nada. 12. Nada. 13. Nada. 14. Nada. 15. Os frutos que produz a terra em maior abundancia hé milho grosso, milho miúdo, pinço e centeio e feijoens e pouco trigo e cebada. Dá bastante vinho verde de médiocre generosidade, alguma castanha e landre e fruta de toda a casta. 16. Hum e outro dos sobreditos concelhos em que está situada esta freguezia tem juiz ordinario e camera que nam dão subjeiçam a justiça alguma de outra terra, mas só aos supriores ordinarios por agravo ou apellassam. 17. Nada. 18. Nada. 19. Nada. 20. Serve-se pello correio de Arrifana de Souza distante duas legoas. 21. Dista da cidade capital de Braga, seis legoas e da de Lisboa, sessenta. 22. Nada. 23. Nada. 24. Nada. 25. Tem somente esta freguezia na parte superior a antequissima torre chamada de Villar, mui forte, que segundo a tradissam vulgar hé do tempo dos Godos. Está situada em sima de hum durissimo rochedo que só de algumas partes dos liceres se vê sobressahir a torre de huma piquena colina sobre que jaz. Terá de alto a dicta torre setenta e sinco athé oitenta palmos, e de diametro, tomado pellas faces de fora, tem corenta e dous palmos, correndo do Sueste para Noroeste. E de outra parte correndo do Nordeste para Sudueste, tem de diametro segundo as faces extriores trinta e hum palmos. As suas paredes têm de corpo seis palmos e são tanto por dentro como por fora de pedra viva, durissima de cantaria de fiadas, quazi de igual porpossam e sufessientemente polidas. Mas as junturas das pedras comidas do tempo mostram maior abertura

do que nos seus principios poderia ter, indicio da sua nimia antiguidade. Nam tem ameias, mas indicio de em outros tempos ter sido com ellas ornada. Tem huma unica porta no solo ou logia que tem de largo seis palmos e de alto dez athé à padieira que defende do pezo hum escarsam de arco de meio ponto. Tem na fasse que fica para o Sudoeste duas genellas e outras duas na fasse que fica para o Noroeste. E na face que fica para o Nordeste tem três genellas e coatro na que fica para o Sueste. Porém todas estas genellas pella face extrior da torre só se devizam abertas em frestas de hum palmo de largo, exceto huma que fica à parte Esquerda da fasse do Sueste e outra que fica no meio da face Sudueste que estas se devizam por fora rotas com a mesma grandeza de huma, que por dentro tem os líveis das dictas genellas e descansos dos bigamentos que pella parte de dentro tem e se devizam. No projecto de algumas pedras indicam ter sido havitaçam de duas ordens de subrados, além de hum intersoto por sima da logia. E pella fasse extrior de Nordeste se divizam lugares de vigamento de alguma caza encostada. Nam se acha nella matrial algum de madeira nem mostra ser acentada em argamaso, acha-se totalmente preza e com siguransa primordial, sem ter ahinda levissimo indicio de ruína, nem tendencia a ella ahinda dipois do memorial Terramoto de mil setecentos e sincoenta e sinco anos. O estado da sua croa mostra nam se ter extrehido do corpo della pedra alguma. 26. Nada. 27. Nada. Serra. N.º 1. 2. 3. A serra em que está situada esta freguezia chama-se a serra da Comieira que discorre do Nordeste, principiando dessa parte no lugar da Lixa, distante desrta freguezia huma legoa para o Sudueste, para cuja parte acaba na vila d' Arrifana de Souza, tendo de comprido três legoas e de largo neste sitio meia, comprendendo ambas as suas fasses. Esta freguezia está em parte mais baixa, nam tem brassos alguns e pella parte do Noroeste discorre pello pé da serra a ribeira e rio de Souza e da parte do Sueste discorre outro vale e hum piqueno regato chamado o rio de [...] que rega os campos da freguezia e couto de Travanqua com quem esta freguezia confina, com a de Sam Mamede de Alentém. E pellas partes do Norte com a de Sam Pedro Fins do Torno. E pella parte do Sul com a de Sam Pedro de Caide de Rei. 4. Tem esta freguezia hum piqueno ribullo que deduz sua origem de dentro della mesmo, na parte suprema que fica para o Nordeste. E cursando pello fundo do valle [ja manou] do segundo os rumos delle, entra na freguezia de Sam Mamede de Alentém, onde fenesse no rio Souza com o curso e hum coarto de legoa. E por isso prinsipalmente nesta freguezia hé tam pobre de agoas que se esgotam todas para regar os campos com a providencia de reprezas. Só na parte infrior desta freguezia no tempo de Inverno tem atidam para rodar hum muinho unico que nos limites della existe. E nenhum peixe produz porque no tempo do Estio fica quazi exausto. 5. Nada. 6. Nada. 7. Nada. 8. Nada. 9. Nada. 10. Hé de temperamento quente, mas produz pouco mato por ter terra pisarrenta. 11. Nam tem criação de gados. A cassa que cria são coelhos, perdizes e lebres.

Porém de tudo pouco. 12. Nada. Rio. 1. Pello lugar da Souzelinha desta freguezia passa o rio chamado Souza que tem sua origem no concelho de Filgueiras distante legoa e meia. 2. Corre todo o anno e se forma em mananciais de agoa de diversas fontes. 3. Entram nelle mais assima o regato de Sanfins na freguezia de S. Pedro Fins do Torno e o regato de Macieira em a freguezia de Santhiago de Sernadello. 4. Nam. 5. Hé de curso quieto por estes destritos. 6. Corre do Nordeste ao Sudoeste. 7. Cria peixes, barbos, trutas, escallas, vogas e inguais grandes, sendo mais abundante de barbos e vogas. 8. Nam há nelle pescarias regulares, mas só particulares sem ordem em todo o tempo que nam hé defeso. 9. As pescarias são libres em todo o rio. 10. Todas as suas margens se cultivam e particularmente neste destrito onde há fertilicimos campos. E na veira do rio se produzem comente amieiros, salgueiros e também carvalhos onde se acostam videiras para produçãem de vinho. 11. Nam se conheesse. 12. Conserva o mesmo nome athé o fim e o principia a ser mais assima hum coarto de legoa, mais para meia legoa, entra as freguezias de Unham e Pedreira, onde se unem dous brassos principais que athé ahi nam tem nome proprio e do contrario nam há memoria. 13. Morre no rio Douro, mais abaixo seis legoas no lugar chamado Souza defronte da villa de Arnellas, assima da cidade do Porto, duas legoas. 14. Só tem varios assudes para muinhos que impediriam navegaçam [se] [regato] fosse navegavel. 15. Tem mais assima meio coarto de legoa, a unica ponte de cantaria, de hum arco, chamada da Veiga, na freguezia de Sanfins e outros varios pontilhoens de pau e pedra, em diversas partes. E para baixo tem cantaria arcoada a ponte de Villella, Nuvellas e Sepeda, de que tenho noticia. 16. Por todo elle há muita copia de muinhos de rodizio. E na freguezia de Sam Christovam de Lordello dous lagares de azeite sendo que hum está ao prezente impedido de moer com as agoas. E outro lagar nesta freguezia, no lugar de Souzelinha, onde também há muinhos de pam. 17. Nada. 18. Os povos vezinhos uzam para a cultura dos campos de suas agoas onde há comodidade para isso libremente. 19. Terá de curso desde a sua origem enthé onde fenesse sete para oito legoas, nam passa por pubuassam alguma, mais do que por baixo da villa de Arrifana de Souza. 20. Nam me ocorre couza alguma digna de memoria a respeito dos interrogatorios a que dou satisfação como pude em comprimento da ordem que me foi aprezentada com os mesmos interrogatorios em o dia sete de Abril de mil e setecentos e sincoenta e oito annos. E por verdade me assigno com os dous parochos mais vezinhos, o reverendo Feliz Antonio, vigario de S. Pedro Fins do Torno e o reverendo Joam Teixeira Ozorio, vigario de Sam Mamede de Alentém, hoje, Santa Maria de Villar do Torno e de Maio 20, de 1758 anos. O abbade, Francisco Jozeph de Souza Azevedo. O vigario, João Teixeira Ozorio. O vigario Felix Antonio Borges¹.

¹IAN/TT, *Memórias Paroquiais*, vol. 41, memória 309, fls. 1873-1882.

3. TOPONÍMIA E PATRIMÓNIO

3.1 Toponímia

Denominação (antiga-1758/ atual)	Nota etimológica/ Ref. ^{2a} bibliográficas/Observações
Barral	Topónimo evidente. José Pedro Machado considera tratar-se de um «lugar de onde se tira barro», «terra alagada» ² . Este vocábulo deriva assim de barro, declara ser lugar onde se recolhe ou existe terra argilosa.
Boucinhas	Diminutivo de Bouças. Parcelas de terra inculta de pequena dimensão, imprópria para uma atividade agrícola extensiva. Poderá também revelar local onde se recolhem, por ser terra de pinhal ou vegetação rasteira, matos para a cama dos animais e lenha. Vemos esta questão realçada na obra de Alberto Sampaio - «As Vilas do Norte de Portugal» ³ .
Castinheira/ Castanheira	Topónimo evidente, derivado de castanha. Feminino de castanheiro. Local onde se constata a presença de uma árvore cuja variante é considerada estéril, isto é, que não dá fruto (castanha). Se porventura der fruto é tido como não comestível. Quando a árvore surge denominada castanheira, é usual ser apenas destinada à produção de madeira para fabrico de mobiliário.
Cazais/Casais	Plural do singular masculino Casal. Topónimo frequente, abundantemente documentado na Idade Média. Por casal entende-se uma unidade agrícola composta pela habitação e por outras estruturas como a adega e lagar, celeiro ou palheiro, cortes para animais e lojas para recolha de alfaias agrícolas. Trata-se da composição rural que melhor caracteriza a exploração da terra no entre Douro e Minho.
Deveza/Devesa	Do latim <i>-defensa</i> = defendida, proibida, adquirindo sentido de 'terreno murado', 'propriedade coutada', 'interdita' ⁴ .
Eido Fonte	Eido, tal como Fonte derivam do latim. Eido de <i>-aditu</i> , acesso ou entrada ⁵ . Fonte <i>-Fons</i> ⁶ . Estamos perante um topónimo composto, que expressará entrada da fonte. Indica local onde existe ou existiu uma fonte para recolha de água, usualmente potável e por certo com carácter público.
Forno	Do latim <i>-furnū</i> . Denominação vulgarmente atribuída a lugar onde existiu um forno. Considerando que persiste próximo o topónimo «Telheira», é crível que se relacione com um forno cerâmico, no caso, de fabrico de telhas, talvez do tipo "meia-cana".

²MACHADO, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed. vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 221.

³MACHADO, José Pedro - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5ª ed. vol. I. Lisboa: Livros Horizonte, 1989, p. 455.

⁴MACHADO, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed. vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 503.

⁵MACHADO, José Pedro - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5ª ed. vol. II. Lisboa: Livros Horizonte, 1989, p. 374.

⁶MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. II., p. 656.

⁷MACHADO, José Pedro - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5ª ed. vol. III. Lisboa: Livros Horizonte, 1989, p. 79.

Denominação (antiga-1758/ atual)	Nota etimológica/ Ref. ^{as} bibliográficas/Observações
Mercê	Do latim <i>mercede</i> . ⁸ Relativo a pagamento de algo.
Portella/ Portela	Do latim <i>-Portella</i> . Os lugares aos quais se dá esta denominação podem compreender distintas características topográficas, nomeadamente constituir uma zona em que um caminho ou estrada apresenta acentuada curvatura; indistinta cumeada de elevada ou baixa altitude que constitui limite entre bacias hidrográficas de diferente dimensão ou ser passagem estreita entre vales ou montes.
Preza	O mesmo que represa, local onde se retém água, normalmente destinada ao regadio.
Símo de Villa/ Cimo de Vila	Composição toponímica com duplo carácter geográfico, remetendo para o lugar em posição superior relativamente ao da Vila, isto é, reflete a existência de um aglomerado rural de dimensão variada. Este topónimo remete usualmente para focos populacionais surgidos a partir da Alta Idade Média.
Souzelinha	Diminutivo de Sousa. Surge por associação ao principal curso de água do concelho, a que lhe dá nome – o rio Sousa. Trata-se, no contexto regional, de um dos mais antigos nomes de família, que aqui resulta em hidronímico.
Torno	No «Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa» colhe-se sobre a expressão 'Torno' como se tratando de um topónimo frequente no Noroeste Peninsular, com significado de bolhão de água ou nascente abundante. Soares de Moura desenvolveu uma resenha a propósito da origem etimológica de 'Torno', pelo que remetemos o leitor para a sua obra «Lousada Antiga».
Torre	Derivado do latim <i>turre</i> . Topónimo associado à denominada Torre de Vilar, construção senhorial edificada entre finais do século XIII e princípio do século XIV. Trata-se, todavia, de uma expressão muito frequente no Noroeste Peninsular. Indica assento no local, ou em lugar próximo, de uma estrutura com carácter defensivo ou outro, cuja tipologia se assemelha a uma torre. Apesar de na maioria dos casos não subsistir, assegura que a houve em tempos.
Villar	Topónimo com grande representatividade no Norte de Portugal e na Galiza (Espanha), sob a forma simples e sob a forma composta. Do singular feminino Vilar. Para apontar a origem etimológica deste topónimo, José Pedro Machado socorre-se de Leite de Vasconcelos (Etnog. II, p. 379) dizendo que é "parte de vila, que foi concedida pelo proprietário a clientes ou a servos para a exploração agrícola".

⁸MACHADO, José Pedro - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5ª ed. vol. IV. Lisboa: Livros Horizonte, 1989, p. 108.

⁹Machado, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed., vol. III. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 1420.

¹⁰Moura, Augusto Soares de - *Lousada Antiga. Das origens à primeira República*. 2ª Parte, das Freguesias. Lousada: Ed. de Autor, 2009, p. 648.

¹¹MACHADO, José Pedro - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5ª ed. vol. V. Lisboa: Livros Horizonte, 1989, p. 318.

¹²Machado, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed., vol. III. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 1477.

3.2 Património

3.2.1 Torre de Vilar

Singular monumento da medievalidade do concelho de Lousada, à Torre de Vilar foi atribuída, em 1978, a classificação de Imóvel de Interesse Público. Popularmente chamada de «Torre dos Mouros», terá sido, sem rigor, construída entre finais do século XIII e princípios do século XIV. Conquanto a falta de fontes escritas, vem sendo atribuída esta edificação à família dos de Riba de Vizela, que detinham em Vilar do Torno diversos domínios, cabendo-lhes nomeadamente o padroado da Igreja de Santa Maria de Vilar.

Tomando em consideração o desenho arquitetónico e a observação da existência de diversas marcas de canteiro gravadas nas paredes interiores e exteriores, é admissível balizar temporalmente o aparecimento da torre durante os reinados de D. Afonso III ou de D. Dinis. Esta questão vem recolhendo alguma aprovação, atribuindo-se inclusivamente a construção da mesma a Gil Martins de Riba-de-Vizela, nobre cavaleiro que granjeou de grande prestígio durante o reinado de Afonso III, de quem foi mordomo-mor.

Assente sobre um morro rochoso de natureza granítica, a Torre de Vilar possui planta retangular, desenvolvendo-se atualmente em quatro pisos até a uma altura de cerca de 14 metros. O acesso ao interior faz-se a partir de uma porta térrea dotada de arco redondo com tímpano embutido. O labor granítico medieval encontra-se igualmente patente nas frestas dos pisos superiores. Integra a Rota do Românico, instituição que para ali vem direcionando diversas ações de valorização, o que presentemente permite a sua fruição turística.

Figura 3
Alçada principal da Torre de Vilar.

